



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE HUMANIDADES EDUCAÇÃO E SAÚDE DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO COM
HABILITAÇÃO EM ARTES E MÚSICA**

**MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO
BAIRRO ALTO BONITO, MUNICÍPIO DE TOCANTINÓPOLIS (TO)**

TOCANTINÓPOLIS

2024

FRANCINETE DE SOUZA DE JESUS

Trabalho apresentado como parte dos requisitos para aprovação do curso de Licenciatura em Educação do Campo, Artes, vinculado à Universidade Federal do Norte do Tocantins,

Orientadora: Profa. Dr^a Rejane Cleide Medeiros de Almeida

TOCANTINÓPOLIS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

D467m DE SOUZA DE JESUS, FRANCINETE.
MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOÊNCIA DOMÉSTICA NO
BAIRRO ALTO BONITO, MUNICÍPIO DE TOCANTINÓPOLIS(TO). /
FRANCINETE DE SOUZA DE JESUS. – Tocantinópolis, TO, 2024.
36 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do
Campo, 2024.

Orientadora : REJANE CLEIDE MEDEIROS DE ALMEIDA

1. INTRODUÇÃO. 2. CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DE
PESQUISA: BAIRRO ALTO BONITO, TOCANTINÓPOLIS(TO). 3.
VIOÊNCIA: SENTIDOS E SIGNIFICADOS. 4. POSSIBILIDADES DE
TRANSFORMAÇÕES NA VIDA DAS MULHERES EM SITUAÇÕES DE
VIOÊNCIAS. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FRANCINETE DE SOUZA DE JESUS

**MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICANO BAIRRO ALTO
BONITO, MUNICÍPIO DE TOCANTINÓPILIS (TO)**

O Trabalho apresentado como parte dos requisitos para aprovação do curso de licenciatura em educação do campo, artes e música, vinculados à Universidade Federal do Norte do Tocantins.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rejane Cleide Medeiros de Almeida.

Data de aprovação: 09 de fevereiro 2024

Banca examinadora

Professora Mestra Gilvânia Ferreira da Silva-UFMA
Examinadora

Professora Mestra Iara Rodrigues da Silva- UFNT
Examinadora

Professora Dr^a Rejane Cleide Medeiros de Almeidas-UFNT
Orientadora

Tocantinópolis/TO, 2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, expresso minha gratidão a Deus por me conceder a oportunidade de chegar até este ponto, colocando em meu caminho pessoas essenciais para o meu desenvolvimento acadêmico, o qual não foi nada fácil.

Quero dedicar um agradecimento especial à minha orientadora, uma pessoa excepcional e valiosa, cujas orientações foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Suas sugestões ao longo do processo foram essenciais, contribuindo significativamente para o resultado final.

Agradeço profundamente à minha mãe, que, ao mudar sua opinião em relação ao meu ingresso na faculdade, compreendeu que este também é um espaço para as mulheres. Com seu apoio, pude realizar um sonho, trilhando esse caminho com mais força e determinação. Mãe, obrigada por tudo; seu apoio foi crucial para meu desenvolvimento pessoal e acadêmico. Você é muito especial para mim, e eu te amo!

Ao meu marido, agradeço por superar resistências iniciais e aceitar minha decisão. Mesmo diante de desafios e enfrentamentos, ele deixou de lado o orgulho e esteve ao meu lado. Meu amor saiba que você é muito especial na minha vida. Obrigada por tudo!

Queridos filhos, quero expressar minha profunda gratidão a cada um de vocês. Vocês estiveram sempre ao meu lado, sendo meu combustível para percorrer todo esse caminho até a conquista deste objetivo. O apoio e a presença de vocês foram fundamentais, e cada um contribuiu de maneira única para o meu sucesso. Quero fazer um agradecimento especial à minha filha, que foi minha válvula de escape, proporcionando segurança e confiança nos momentos mais desafiadores. Ela esteve sempre ao meu lado, socorrendo-me nos momentos mais difíceis. Obrigada, filhos, por ser exatamente o que eu precisava para chegar até aqui!

"Gostaria de expressar minha profunda gratidão às colegas do curso, Aline Gomes, Aline Monteiro, e aos demais colegas da turma, por acreditarem em minha capacidade mesmo nos momentos em que eu considerei desistir. Sempre recordo do apoio mútuo que compartilhamos, onde uma segura a mão da outra, e ninguém solta à mão de ninguém."

Também gostaria de agradecer meu cunhado Garcia e sua esposa Karla Regina pelo constante apoio, saibam que vocês têm um papel de grande relevância na vida.

Além disso, sou imensamente grata a todos que estiveram ao meu lado, direta ou indiretamente, contribuindo de diversas formas para este trabalho. Agradeço por cada palavra de encorajamento, pelos conselhos e pelos gestos de carinho e compreensão que recebi.

Quero que todos saibam que este Trabalho de Conclusão de Curso não é apenas um esforço individual, mas sim de todos que, de alguma forma, fazem parte da minha vida. Este é o fruto do apoio generoso que recebo de cada um de vocês. Todos foram incríveis, nós somos incríveis, e só precisamos acreditar que somos capazes e que tudo é possível.

Enfim, obrigada a todos que fizeram parte desta jornada!

Gratidão a todos!

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 PERCURSO METODOLÓGICA	13
2. CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DE PESQUISA: BAIRRO ALTO BONITO, TOCANTINÓPOLIS (TO).....	15
3. VIOLÊNCIA: SENTIDOS E SIGNIFICADOS	16
3.2. PATRIARCADO E SUAS RELAÇÕES DE DOMINAÇÃO	24
4. POSSIBILIDADES DE TRANSFORMAÇÕES NA VIDA DAS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIAS? POLÍTICAS DE ATENDIMENTO	26
4.1. LEI MARIA DA PENHA	26
4.2. DELEGACIA DA MULHER.....	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6.REFERÊNCIAS.....	34

*Neste mundo existem...
Mulheres amadas...
Violadas na mente, violentadas na alma, castra-
Das no corpo, sem
voz...Sem liberdade, acorrentadas em dor,
cansadas, Tristes, desesperadas, mal-amadas,
laços atados,
Em nós de ferro...
Mãos geladas e frias, feitas num mundo cruel...!*

(Isabel Morais Ribeiro Fonseca – poetisa angolana.)

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender como ocorre a violência doméstica sofrida pelas mulheres do Bairro Alto Bonito, no município de Tocantinópolis (TO), observando as possíveis sequelas provocadas pelos agressores e os direitos constituídos por meio de políticas públicas conquistadas pela luta das mulheres. Como metodologia realizamos entrevistas semiestruturadas com (3) três mulheres que sofrem/sofreram violência doméstica. Seus nomes foram definidos como flores por questão de proteção e escolha das mulheres. A pesquisa indicou que as mulheres entrevistadas sofrem violência doméstica, especialmente a de agressão física, mas, também, psicológica e patrimonial.

Palavras-chave: Violência doméstica, Mulheres em situação de violência, Gênero.

SUMMARY

This research aims to understand how domestic violence suffered by women in Bairro Alto Bonito, in the municipality of Tocantinópolis (TO), observes the possible consequences caused by the aggressors and the rights constituted through public policies achieved by women's struggle. As a methodology, we carried out semi-structured interviews with (3) three women who suffer/have suffered domestic violence. Their names were defined as flowers for reasons of protection and women's choice. The research indicated that the women interviewed suffer domestic violence, especially physical aggression, but also psychological and property violence.

Keywords: Domestic violence, Women in situations of violence, Gender.

1. INTRODUÇÃO

Sou Francinete de Sousa, nasci em Tocantinópolis - TO, no bairro Alto Bonito, sou filha de lavrador, filha e neta de quebradeira de coco e parteira, vim ao mundo pelas mãos da minha avó parteira, nasci em casa. Com o passar do tempo meus pais foram embora para o Maranhão e lá fomos morar em um assentamento do MST assentamento Serafim que fica mais o menos uns 40 km da cidade Estreito - MA. Meus pais moraram lá por 20 anos e hoje moram no Bairro Alto Bonito que é o mesmo bairro que eu resido. Eu tenho (3) três filhos sendo uma menina, a minha filha é do meu primeiro casamento e os meninos foram de uma união estável, atualmente sou casada e meu esposo tem um filho que mora conosco.

A incidência da violência contra as mulheres é um fato lamentável e frequente em nosso país, afetando tanto as pessoas distantes, quanto aquelas próximas a nós. É preocupante perceber que tal comportamento violento está enraizado no comportamento de algumas pessoas, resultando na desintegração de muitas famílias. Essa violência na família desestrutura a mulher ao enfrentar determinadas situações de violência, encontra dificuldades em administrar a dinâmica familiar, como destaca Saffioti (2015, p. 98), que “Os tipos de violência contra a mulher são de violência doméstica e de violência intrafamiliar”.

O cotidiano familiar, mesmo permeado por pequenas frustrações, pode se tornar um problema significativo se não for abordado por meio do diálogo e da busca por melhorias nas relações dentro do núcleo familiar. A falta de gestão adequada das questões cotidianas pode amplificar os conflitos e contribuir para que o número de vítimas venha cada vez mais aumentar, tornando essencial o investimento em políticas públicas eficazes para promover um ambiente familiar saudável e seguro.

Geralmente o perfil do agressor é de alguém autoritário, que se irrita com facilidade, não dialoga com os demais membros do grupo familiar e tem facilidade para se alterar e expor sua fúria com gritos e xingamentos, porém tais ações são quase sempre acompanhadas de pessoas que estão sobre efeito de

drogas e álcool, ou mesmo por já fazer parte da personalidade do indivíduo (agressor).

Busquei esse tema por tratar de pessoas do gênero feminino e tentar entender os motivos que as levam a se submeterem a uma vida com violências, busquei também, o porquê dos motivos da permanência ao lado do agressor, investigar quais são as palavras que elas ouvem dos agressores. Destaco que convivo com mulheres que são agredidas por seus companheiros, mas, não se reconhecem diante desta situação. E, sobretudo, o motivo que me impulsiona a estudar esse assunto, se constitui no fato de que eu fui vítima de violência doméstica. E consegui modificar os rumos da minha vida.

A pesquisa Por trazer como temática: As mulheres em situação de violência no bairro Alto Bonito, Tocantinópolis – TO se justifica pelo fato de que a autora nos adverte sobre “mulheres em situação de violência doméstica”, sendo que:

A condição de vítima, que inicialmente era atribuída a mulher, passou a ser substituída por “em situação de violência doméstica”. Tudo isso, pela percepção de que a condição de “vítima” era paralisante e, conforme Heise (1995) explica, para sair dessa condição, a mulher dependeria de um outro (a); já quando a mulher é referida como “em situação”, ela está em outra condição, ou seja, ela acessa um lugar de passagem, pois é um sujeito nessa relação. Estar numa situação oferece a possibilidade da mudança. Há uma mobilidade intrínseca nessa condição; a mulher pode tomar decisões, outros rumos (Tavares, 2008, p.22).

Para o autor, mais do que meras vítimas, as mulheres em situação de violência doméstica ao narrarem suas trajetórias, acessarem seus direitos, terão as condições de modificarem suas vidas e buscarem sua autonomia como sujeitas do processo social. Essa é a justificativa da escolha do nosso tema de pesquisa, ou seja, a mulher em situação de violência, como nos faz refletir a autora, a mulher pode mudar a sua condição.

No contexto atual, a persistência da violência de gênero evidencia que é preciso se aprofundar para a compreensão sobre suas causas, manifestações e consequências.

Ao adentrar neste tema, observamos que o estudo acadêmico não é apenas uma busca de dados relevantes, mas também busca contribuir com as reflexões propostas acerca da importância de instaurar uma cultura pautada no respeito, na igualdade e na salvaguarda dos direitos das mulheres. Desta maneira, a justificativa para a escolha desse tema reside na intenção de contribuir de maneira efetiva em busca de uma sociedade mais justa, equitativa e acima de tudo humana, onde tenha pessoas mais que se importem com a dor do outro e que ir de encontro para estender a mão e ajudar estas vítimas a sair desta situação que a fere e oprime, onde acreditamos que estes relatos um dia já não existam mais ou que tenham seus índices significativamente diminuído.

Enquanto objetivo geral, buscamos compreender as condições de violências domésticas que as mulheres são submetidas no Bairro Alto Bonito, no município de Tocantinópolis. Como objetivo específico, destacamos: 1. Identificar quais os tipos de violências às mulheres do Bairro Alto Bonito sofrem; 2. Conhecer as causas das violências sofridas e os impactos na vida das mulheres; 3. Analisar quais instrumentos e estratégias utilizados pelas mulheres para sair e/ou conviver com a violência.

1.1. Percurso metodológico

Enquanto metodologias abordaram sobre o desenvolvimento da pesquisa na qual realizamos, inicialmente uma pesquisa bibliográfica por meio da leitura de textos teóricos, a exemplo de artigos científicos e livros relacionados ao tema de minha pesquisa. Como metodologia adotamos a história oral e entrevista semiestruturada com mulheres que sofrem violência doméstica no bairro Alto Bonito, município de Tocantinópolis (TO).

Destacamos que as entrevistas foram realizadas nas casas das mulheres e transcritas de acordo com a forma que as mulheres falam. As entrevistadas foram realizadas com as mulheres que sofrem violência doméstica no Bairro Alto Bonito em Tocantinópolis. Foram entrevistadas (03) três mulheres, sendo que a de 33 anos possui ensino médio completo, a de 41 anos possuem ensino médio incompleto e a de 53 anos possui ensino fundamental incompleto (3º ano).

Ressaltamos a dificuldade de conseguir as entrevistas, pois as mulheres têm medo de que suas histórias sejam expostas. Nesse caso as entrevistadas têm relações de confiança com a pesquisadora, por isso aceitaram fazer parte da pesquisa. Os nomes escolhidos para não expor as mulheres por decisão delas, são nomes de flores.

Para iniciar o estudo de campo, realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa na perspectiva de MARCONI; LAKATOS, (2003). Destacamos que, todo pesquisador tem que estar apto a estudar algo que já foi pesquisado sobre o seu tema, pois são esses estudos que o motiva a construir caminhos e conhecimentos diferentes que levam a questionar ainda mais sobre o que realmente deseja explorar. Assim o realizamos.

Procuramos identificar quais tipos de doenças tais mulheres adquiriram durante a convivência conturbada de agressões e se fazem tratamento, se tem acompanhamento de profissionais da saúde (psicólogos) ou outros, o que seria de grande relevância.

Essa pesquisa mostrou os impactos causados pela agressão na vida dessas vítimas que sofrem, e que muitas vezes são silenciadas pelo medo, mostram que essas mulheres estão cada vez mais psicologicamente doentes e vão se agravando com o passar do tempo, como a depressão entre outros transtornos que vem acarretando devido passar tanto tempo em um relacionamento doentio.

A referida pesquisa durou aproximadamente Um ano, entre os estudos bibliográficos e a preparação do roteiro de entrevista, assim como ir a campo para coleta de dados, pois para adentrar neste tema com mulheres que foram agredidas, apesar de hoje a sociedade tratar como normal às brigas de casal, para falar e expor seus sentimentos, não são todas as mulheres que estão preparadas para se expor assim, pois como já citei, anteriormente, eu como uma vítima dessas violência sei o quanto é difícil, porém quando a gente sai dessa vida é mais fácil falar.

2. Caracterização do território de pesquisa: Bairro Alto Bonito, Tocantinópolis (TO)

Tocantinópolis é uma cidade que fica localizada no extremo norte do Tocantins, de acordo com última atualização do IBGE tem 22.615 habitantes é rica em diversidade geográfica e cultural, a cidade é privilegiada, pois fica as margens do rio Tocantins, fazendo divisa com o estado do Maranhão, onde

muitas pessoas tiram seu sustento deste recurso natural. A cidade tem sua economia voltada para a pecuária, onde está fundamentada na agricultura, onde tem grandes criadores de gado e agricultura familiar.

O bairro Alto Bonito que é onde residem às interlocutoras da minha pesquisa tem um papel importante na formação da identidade desta comunidade com sua economia local que engloba estabelecimentos como bares, frutarias, supermercado e outras pequenas empresas, que de certa forma também contribuem para o desenvolvimento econômico local. É marcado por sua diversidade étnica e culturais e sociais que são expressamente por meio de eventos culturais como a festa do divino espírito santo, o tão esperado festejo de santo Antônio e as festas juninas.

Estas celebrações fortalecem os laços comunitários, refletindo a convivência tranquila de uma cidade do interior, onde diferentes grupos étnicos coexistem de acordo com sua realidade local.

É uma região que apresenta uma rica manifestação de experiências geográficas, culturais e sociais, pois a interação desses elementos contribui para a construção de uma identidade única, com desafios, moldando o desenvolvimento presente e futuro desta cidade também conhecida como a Boa Vista do Padre João.

3. Violencia: sentidos e significados

Para compreendermos o significado de violência nos amparamos no que Saffioti (2015, p. 79-80), possibilita demarcar seu sentido, a partir da relação de gênero na sociedade que se constituiu a partir da acumulação primitiva do capital. Nesse sentido:

O que se mostra de difícil utilização é o conceito de violência como ruptura de diferentes tipos de integridade: física, sexual, emocional, moral. Sobretudo em se tratando de violência de gênero, e mais especificamente intrafamiliar e doméstica, são muito tênues os limites entre quebra de integridade e obrigação de suportar o destino de gênero traçado para as mulheres: sujeição aos homens, sejam pais ou

maridos. Desta maneira cada mulher colocará o limite em um ponto distinto do *continuum* entre agressão e direito dos homens as mulheres. Mais do que isto, a mera existência desta tenuidade representa violência. [...] - paira sobre a cabeça de todas as mulheres a ameaça de agressões masculinas, funcionando isto como mecanismo de sujeição aos homens, inscrito nas relações de gênero.

A autora vai chamar atenção para o fato de que, cada mulher vai interpretar a violência individualmente. Nesse sentido, não se constitui como ontológico, fundante, igual para toda sociedade.

“Segundo “estudo da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2006,” a violência contra a mulher” é todo ato de violência praticado por motivos de gênero, dirigido contra uma mulher. Entres as violências que mais acontece é a violência doméstica e isso ficou caracterizado na nossa pesquisa realizada com (3) Três mulheres do Bairro Alto Bonito em Tocantinópolis, Tocantins.

Para nossas entrevistadas violências de Gênero com características de violência doméstica significa:

Para mim violência doméstica é aquela que agride fisicamente e a verbalmente também, que se torna pior, né? A patrimonial estou sofrendo até hoje, muitas vezes quebrava as coisas, ele quebra para oprimir a pessoa sabe, que a gente fica apavorada (Entrevistada, Manacá da Serra, 41 anos, 2022).

Violência física o emocional e a psicológica e a que bota na sua cabeça que você é incapaz de viver sem ela, e as vezes nem é, a gente só precisa é só se libertar daquela pessoa, a patrimonial, ele riscou a geladeira e rasgou a minha cama (Entrevistada, Rosa do Deserto, 33 anos, 2022).

Violência doméstica é apanhar, ser chingada, não ser valorizada pelo marido e não ter uma palavra de conforto pra mim é violência, palavra doi mais que um murro. Eu sofria pês, traição, ameaça de morte, tudo, e conheço simlheres que sofrem violência as mêsma que eu sofrer e que sofrem até violência piores das que eu já vive (Entrevistada, Flor Chuva de Prata, 53 anos, 2022).

A partir do entendimento das entrevistadas sobre violencia doméstica, Saffioti (2015, p. 90), contribui com suas análises na perspectiva de que:

A violencia doméstica apresenta características específicas. Um das

mais relevantes é a sua rotinização (Saffioti, 2015, apud 1997c), o que contribui, tremendamente, para a codependência e o estabelecimento da relação fixada. Rigorosamente, a relação violenta se constitui em verdadeira prisão. Nesse sentido, o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque o macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu “destino” assim o determina

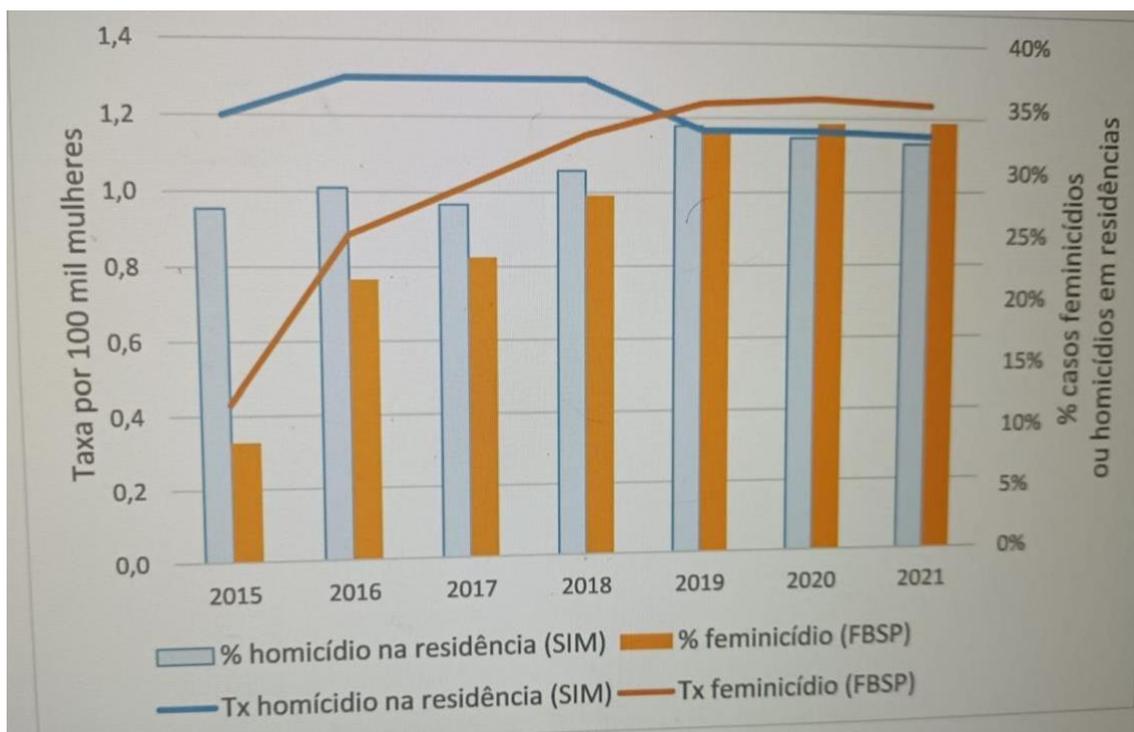
De acordo com Soares (2004), muitas vezes uma mulher em situação de violência se sente, especialmente amedrontada e envergonhada por não conseguir se fazer ouvir e não ser respeitada por seu agressor, gerando sentimento de impotência.

E se torna mais difícil quando se trata de filhos e muitas vezes elas são dependentes total desses agressores, isso torna elas mais vulneráveis as agressões, pois pensa nos filhos delas, e decide por se submeter ao sacrifício para alimentar os filhos e a si mesma, e tudo torna mais difícil quando ela vem de outro relacionamento e traz consigo filhos de outro, ele não deixa faltar comida para as crianças, é assim, ruim com ele pior sem ele, essa frase é a mais ouvida entre essas mulheres, pois são dependentes e isso é uma situação triste.

Para Goleman (2003), a racionalização é uma das estratégias mais comuns das negações dos verdadeiros motivos do sujeito, cobrindo e bloqueando o verdadeiro impulso que provocou o ato agressivo, substituindo-o por outro, inventado. No atlas da violência de 2023 (p.42), traz uma afirmativa na qual reside no fato de que: “Para além de violências cotidianas, as mulheres também são atingidas pela violência letal: na última década, entre 2011 e 2021, mais de 49 mil mulheres foram assassinadas no Brasil. O mesmo atlas (2023, p 41) cita os dados de pesquisa realizada pelo fórum brasileiro de segurança pública: “Em 2023, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública divulgou a quarta edição da pesquisa Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, que mostrou que quase 30% das brasileiras sofreram algum tipo de violência ou agressão durante o ano de 2022 (FBSP, 2023).

Gráfico: 01

Taxa de feminicídios e de homicídios de mulheres dentro das residências
– Brasil (2015-2021)



Fontes: GEAD/Copis/DPE/IBGE e SIM/CGIAE/ SVSA/MS (nota do Editorial).

No mesmo gráfico, as séries em colunas trazem as proporções de homicídios de mulheres dentro das residências em relação ao total de homicídios de mulheres, calculadas a partir dos dados do SIM, e a proporção de feminicídios em relação ao total de homicídios de mulheres, cujos indicadores foram produzidos a partir dos registros policiais (FBSP, vários anos, de 2016 a 2022). Essas duas curvas também se aproximam e passam a caminhar juntas a partir de 2019. No entanto, enquanto o crescimento das colunas com base nos registros policiais pode ser explicado pelo processo de aprendizado na qualificação do feminicídio, o menor crescimento da coluna associada ao indicador calculado com base nos dados da saúde deve refletir, em parte, a maior queda geral de homicídios no Brasil a partir de 2018 (Atlas da violência 2023.p.46)

O gráfico nos mostra que tanto as taxas de homicídio quanto a de feminicídio são altas em seus respectivos anos. Entretanto o conceito de feminicídio passou a compor o vocabulário e o entendimento diferenciado de homicídio que sofrem as mulheres, que tem o protagonismo do movimento feminista e a luta contra o machismo e a violência de gênero.

Os resultados trazidos pela quarta edição da pesquisa visível e invisível a vitimização de Mulheres no Brasil, 2023 do Fórum brasileiro de segurança pública (FBSP) alertam que:

[...] 33,6% das mulheres já sofreram violência física e/ou sexual por parte do parceiro íntimo ou do ex, e, além de mostrar um crescimento expressivo de todos os tipos de violência, apontam a casa como o espaço de maior violência para as mulheres (53,8%) (FBSP, 2023, p.6)

Entendemos que essas mulheres guardam consigo a esperança de mudanças de seus agressores, isto o que as mantém por mais tempo na relação ou pode durar a vida toda, as frases mais ouvidas por esse grupo de mulheres são: espero que ele mude a pessoa só é ruim até o dia que quer, eu tenho pena dele. Ele diz não querer fazer isso comigo, que ele queria fazer de mim à mulher mais feliz do mundo e quando essas coisas acontecem, parece uma força maligna que foge do controle dele e ele acaba até chorando. Eu sinto pena dele, esses são os sentimentos de uma mulher agredida. É comum esse sentimento, muitas vezes ela acabar até se culpando pelo ato, que foi por ela não ter feito algo para ele e que foi ela que fez ele se estressar.

A esperança é o que mantêm elas na relação conturbada abusiva, e quando percebe que o agressor não muda, a mulher começa a perder a vontade de viver, passa a desejar a morte, adocece emocionalmente, seu humor é alterado sua autoestima cai, e muitas delas acabam entrando em depressão, é tomada pelo desamor, traumas, ela se transforma em um tanto faz para si própria, vai parar no fundo do poço, que muitas vezes não tem volta.

Perguntado a entrevistada sobre o sentimento de continuar com o agressor, ela responde:

Moro, eu me mantenho normal, eu não separo por medo acho que é por medo mesmo, acho que o que me segurou até hoje ao lado dele foi o meu filho, porque quando o meu filho fica sem ele fica doidinho, por ser especial e não entenderia como a irmã dele entende, ele é uma criança no corpo de adulto. Hoje nós não vive mais como marido e mulher, na verdade, ele nunca me fez sentir mulher, na verdade eu nunca me senti mulher, eu queria saber como é se sentir mulher, eu nunca me senti, hoje não acontece mais nada e as vezes era por obrigação, isso foi até os quarenta anos, depois dos quarenta a gente se governa, e ele fica no canto dele e eu no meu, ele dorme no quarto dele e eu no meu com meus filhos. Eu, hoje me sinto no fundo do poço, lutando para sair e não tô conseguindo (Entrevistada, Flor

Chuva de Prata, 53 anos, 2022).

Carneiro (2003) ratifica essas implicações, afirmando que quanto mais sujeitas a esse conjunto de desigualdade, maiores são as possibilidades dessas mulheres se tornarem vulneráveis à preservação de sua integridade física e emocional; ficando a condição mental fragilizada pelas “idas e vindas” pela esperança de mudança, sentimento de pena e pelas agressões físicas e psicológicas. Para a entrevistada, Flor Chuva de Prata, 2022

A violência traz tudo na vida da gente, ela traz ansiedade, ela traz depressão, doença do coração, traz medo, todo tipo de doença e traz pros filhos do mesmo jeitin, ela afeta o sistema imunológico, minha irmã de todas essas aí, a única que eu não tenho é a doença do coração, o resto tudo eu tenho.

Está claro que esta fala trás mostra que a experiência com a violência doméstica traz um forte impacto na vida dessas vítimas onde são afetadas física e mentalmente. O medo acaba tomando conta e indesejavelmente se infiltra na mente fazendo com que a vítima, se sinta culpada da situação seguindo a mercê do agressor. Com isso gera a inquietação de como fica os filhos diante desta situação, pois sabemos que eles, de alguma forma são afetados, pois isto além de afetar no desenvolvimento da criança, também reflete na sua vida adulta, onde existem filhos que levam esta herança para a vida, agindo de acordo com o que cresceu vendo de genitores, onde para muitos isso pode ser visto como ações simples e fazem parte da convivência, porém para outros é um transtorno e são senilizados com reflexões de ações que não devem ser reproduzidas.

Segundo Ribeiro e Coutinho (2011) a vivência da violência doméstica diminui drasticamente a qualidade de vida dessas mulheres, atingindo negativamente sua saúde física, psicológica e principalmente social, fazendo a vítima se isolarem cada vez mais, e perdem gradativamente sua rede de apoio, tornando-se vulneráveis e com poucas estratégias de enfrentamento, sendo cada vez mais difícil quebrar este ciclo.

A posse deste controle reforça sua crença na ideologia viril, como afirma a antropóloga Lia Z. Machado (1998, p.11):

Controlar a vida sexual e moral das mulheres é o que constitui o cerne da masculinidade no Brasil. Por isso, quando a mulher tenta se desfazer do laço amoroso, acontece a violência, as agressões. É necessário mudar essa cultura de macho proprietário de uma mulher.

Precisa-se estudar meios que fortaleça e aprimorem as leis brasileiras pois estudos revelam o quão grande é o índice de mortalidade de mulheres por seus companheiros, e os maiores motivos são a não aceitação do fim do relacionamento, ou desconfiança que muitas vezes é criada por suas mentes doentias. Muitas mulheres têm medo de denunciar por não acreditar na justiça, por verem criminosos saírem pela porta da frente após ter matado uma mulher e muitas vezes no assistir uma reportagem dessas elas são ameaçadas.

A condição de ser mulher está na origem da violência, logo os feminicídios são crimes de ódio contra as mulheres e exibem o poder e domínio dos homens sobre as mesmas, estando presentes em todas as gerações e possuindo uma dinâmica multimodal” (Almeida, 2014, p.334).

Saffioti (2015) faz referências teóricas a respeito da violência teórica em uma síntese que trazemos aqui para refletirmos sobre o que nossas entrevistadas revelam em suas falas, que já expomos ao longo do texto e seguimos trazendo até o final do artigo. A violência doméstica se dá numa relação afetiva e que para a mulher sair dessa relação precisa de intervenção externa para deixar esse agressor e até que isso ocorra tem um movimento de ida e vindas nessa relação e a autora define esse movimento como o ciclo da violência. E se essa permanência na relação demorar, a mulher utiliza-se de estratégias para reagir à violência. Na violência de gênero no caso do familiar e doméstica como já foi destacado ao longo deste texto ocorre por meio da organização social de gênero, no qual o masculino é privilegiado. O gênero que não nos esqueçamos, são estruturantes na sociedade de classe, da mesma forma que a raça/etnia.

Também obscurece a compreensão do fenômeno da violência de gênero o raciocínio que patologiza os agressores. Internacionalmente

falando, apenas 2% dos agressores⁸ sexuais, por exemplo, são doentes mentais, havendo outro tanto com passagem pela psiquiatria. Ainda que estes também sejam considerados doentes mentais, para fazer concessão, perfazem, no total, 4 %, o que é irrisório. O mecanismo da patologização ignora as hierarquias e as contradições sociais, funcionando de forma semelhante á culpabilização dos pobres pelo espantoso nível de violência de diversos níveis. Imputar os pobres uma cultura violenta significa pé-conceito e não conceito (Saffioti, 2015, p. 87).

Nesse caso, a autora, adverte que a violência de gênero doméstica e familiar, não se define apenas por uma única classe social, dos mais pobres, é nesse caso, infinitamente sem fronteiras de classe. De diferentes culturas,

Para finalizarmos, trazemos o debate sobre o poder, no qual Saffioti, (2015) salienta que são definidos por duas faces. A da potência e a da impotência. Sendo que as mulheres são preparadas para a convivência com a impotência, sendo dependente do gênero masculino, enquanto os homens na perspectiva do exercício da potência, da força, socializados para exercerem o poder. Não aceitam a impotência e quando isto ocorre, é onde a violência acontece.

3.2. Patriarcado e suas relações de dominação

Para entendermos o papel histórico do patriarcado, recorreremos a Lerner (2019, p. 261) no qual define:

O patriarcado é uma criação histórica formada por homens e mulheres em um processo que levou quase 2500 até ser concluído. A princípio, o patriarcado apareceu como Estado arcaico. A unidade básica de sua organização foi a família patriarcal, que expressava e criava de modo incessante suas regras e valores. Vimos como definições de gênero afetaram integralmente a formação do Estado. [...] Os papéis e o comportamento considerados apropriados aos sexos eram expressos em valores, costumes, leis e papéis sociais.

Para dialogar com o que Lerner nos apresenta sobre o patriarcado, mobilizamos Saffioti (2015), na qual define que as relações patriarcais contaminam toda estrutura da sociedade, seja no âmbito público como no privado. Íntegra na sua organização a ideologia de gênero. Para tratar da questão do contrato social e sexual, na relação da construção do patriarcado a

autora nos remete ao que Pateman, trata sobre a construção da dominação masculina sobre a mulher, ou seja, a construção do patriarcado e suas relações sociais.

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. Os filhos subvertem o regime paterno não apenas para conquistar sua liberdade, mas também para assegurar as mulheres para si próprios. Seu sucesso nesse empreendimento é narrado na história do contrato social. O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é social no sentido de patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres - e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres. O contrato original cria seguindo Adrienne Rich, de 'lei do direito sexual masculino'. O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado: ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno (Saffioti, 2015, p. 56-57 apud Pateman, 1993, p.16-17).

Seguindo as reflexões da autora, percebemos que a construção das hierarquias patriarcais, suas estruturas e poder estão inseridas na estrutura da sociedade civil, e, no próprio Estado, contidas no interior das atividades de trabalho. “(...) Trata-se de esferas distintas; são, contudo, inseparáveis para a compreensão social. A liberdade civil depende do direito patriarcal” (Saffioti, 2015, p. 57 apud Pateman, 1993, p. 19).

Porquanto, o patriarcado tem o controle da sexualidade feminina, buscando demarcar a fidelidade da esposa a seu marido (Saffioti, 2015).

Dantas-Berger e Giffin (2005), nos remete que a questão da ordem social patriarcal por muito tempo “consentiu” um certo padrão de violência contra as mulheres, designando ao homem o papel “ativo” na relação social e sexual entre os sexos, ao mesmo tempo em que restringiu a mulher à passividade e construções sociais que ancoraram as representações das mulheres.

A violência traz como consequência o trauma, a insensibilidade, o desamor, e a perda da qualidade de vida. Os principais motivos dessas

agressões são: ciúmes, drogas, álcool e o poder de gênero e a submissão dessas mulheres.

A entrevistada, Manacá da Serra, 41 anos, relata que os motivos das agressões da qual passa ocorrem quando seu agressor:

Estava sóbrio não tinha marido melhor, pai melhor, muitas vezes ele na droga ele ficava assistindo televisão até tarde, mas bastava cheirar o copo ele se transformava, ele sóbrio era homem de fazer tudo dentro de casa, quando eu chegava do serviço ele tinha feito o almoço, limpado casa as crianças sorrindo e ele assando carne e ara bom demais. Mas bastava sair à tardinha e cheirava o copo, aí começava o inferno, eu não brigava com ele quando ele estava sob efeito da cachaça e da droga, que eu não era louca né? No dia seguinte eu ia trabalhar aí quando eu chegava do serviço, aí o pau quebrava, aí ele ficava uns vintes dias um mês quieto sem beber.

Para A outra entrevistada, Flor Chuva de Prata, 33 anos, a violência ocorria quando o agressor usava álcool:

Quando ele chegava bêbado, ela saia pra rua ele chegava e eu perguntava aonde ele tava, quando ele tava com a amante me traindo, ele me xingava me esmurrava, as vezes eu partia pra cima e nos rolava brigando se esmurrando e ele me ameaçava de morte, ele tem asqualidades deles, ele não é so rui, ruim, mais tem mais ruim do que bom.

Pesquisas revelam que as mulheres em situação de violências doméstica são as que mais levam falta em seus serviços, são as que mais adoecem, são justificativas que elas acham para não expor seus sofrimentos por vergonha mesmo, e por fim muitas delas acabam por perder seus empregos, ficando cada vez mais reféns de seus agressores.

4. Possibilidades de transformações na vida das mulheres em situação de violências? Políticas de atendimento

4.1. Lei Maria da Penha

Maria da Penha Fernandes, este é nome a mulher que a partir de suas experiencias em viver violências domésticas teve a iniciativa de se ajudar e ajudar a todas as mulheres do Brasil, que clamam por socorro. A Lei Maria da Penha é uma legislação Brasileira criada com o objetivo de proteger as mulheres

que sofrem qualquer tipo de violência e foi criada em 2006. Traz medidas protetivas para estas mulheres, buscando assim sanar com a taxa de agressões e mortalidades de mulheres que não conseguem sozinhas.

Com isto, destaco aqui alguns pontos importantes que a lei enfatiza, pois além de proteger ela visa trabalhar com medidas protetivas, buscando reconhecer quais são os tipos de violências que tais mulheres sofrem, além de que é através da lei que o agressor é punido sedo responsabilizados pelos seus atos, tendo em vista que a lei acolhe estas mulheres dando o acesso e assistência à saúde, assistência social, e psicologia.

A lei Maria da Penha é vista como escudo para estas mulheres passando uma imagem de proteção e segurança, porém sabemos que esta lei assim como tantas nem sempre é cumprida, fazendo com que cada vez que uma mulher é agredida e vai em busca de ajuda, e não tem retorno, ou seja, que as medidas de segurança e as pessoas que estão a frente para fazer a lei acontecer na prática ainda passam por falta de formação adequada para promover o atendimento necessário e as vítimas são ouvidas e mandadas para casa, diminuindo os mandados de busca de proteção como enfatizado a seguir.

A lei Maria da Penha é muito falha, é muito insuficiente em tudo. Eu precisei da lei Maria da Penha, mais ela é só que ela é só no papel, ela não é cumprida, ela tinha que ser mais respeitada e ser mais cumprida por todos os envolvidos, mas, ela é muito falha (Entrevistada, Manacá da Serra, 41 anos).

Sobre a Lei Maria da Penha: Conheço mais ou menos, mas para mim não valeu de nada não (Entrevistada Rosa do Deserto, 33 anos).

Vejamos que estas mulherem antes de precisar da lei Maria da Penha tinham uma visão que a lei seria seu escudo, pois para elas a lei seria sinônimo de proteção e apoio, para poder lhe dar com as circunstância que os conflitos do lar as aflingem. Para elas quando precisam e não tem retorno a lei dismistificou o pensamento e enfraqueceu suas forças em busca de ajuda, pois além disto muitas mulheres seguem em uma vida submissa ao seu companheiro, por não ter onde se assegurar, pois até mesmo a propria familia

não as ajuda, e assim permanecem presas nessa situação e a prática de enfrentar a violência continua sendo difícil.

A Lei. Conheço a lei só de nome, diz que as mulheres vão lá, dão parte, os cara ficam distantes, eu num sei falar sobre ela não. Poque nunca denunciei o marido. Sofri calada (Entrevistada, Flor Chuva da Prata, 53 anos)

Os desafios desta mulher que vivem violências caladas e não buscam por ajuda são complexos, pois muitas vezes estão entrelaçadas na dependência emocional, ou fatores financeiros que é aspecto crucial para a vida destas mulheres e de seus filhos que não tem a apoio adequado, vivem permeados por manipulação psicológica, que, além disso, tem o medo, a vergonha ou até mesmo por falta de conhecimento dos seus direitos, que acarreta ao isolamento e perde vontade de sair e ter vida social, da qual até mesmo o companheiro as priva, por ciúme, por ter o sentimento de posse e autoridade sobre as mulheres.

Além da lei tem que se pensar em políticas publica da qual deveriam ser voltadas para esta necessidade, visando a segurança, porém é um ponto crucial cheio de complexidades e limitações, pois para isso depende-se do legislativo com parceria do judiciário, percorrendo um caminho de via dupla para fazer com que haja vigilância constante de cumprimento dos direitos humanos que devem ser resguardados destas circunstâncias, onde a lei sozinha não pode fazer seu papel.

Todavia, a lei Maria da penha é vista como um grande avanço para a proteção dos direitos das mulheres que constantemente lutam contra os agressores que tornam o lar um campo de batalha, mais que mesmo diante disto são mulheres fortes que seguem em busca de terem proteção e direito a uma vida tranquila e sem dor.

4.2. Delegacia da Mulher

Como vimos no decorrer do artigo, a violência de gênero e intrafamiliar são corporificados pelo patriarcado ao longo da história. Enquanto a mulher é vista sob o parâmetro da impotência, fraca, portanto, e dependente do poder

masculino, o homem ao contrário é marcado como potência, para exercer o poder e dominar a mulher. Diante disto, violências são exercidas quando o homem perde vivência a impotência (Saffioti, 2015).

Por esta razão ocorre a violência doméstica, no qual o homem comete violência de gênero por perder seu poder. Isso corre, por exemplo, quando perde seu emprego, pois, perde “[...] o papel de provedor das necessidades materiais da família é, sem dúvida, o mais definidor da masculinidade” (Saffioti, 2015, p, 89).

Diante da violência doméstica, é criada a delegacia da mulher, que é uma prerrogativa do protagonismo do movimento feminista. Saffioti (2015, p.94), destaca que:

A ideia de criação de delegacias especializadas no atendimento à mulher apresenta, inegavelmente, originalidade e intenção de propiciar as vítimas de violência de gênero em geral e, em especial, da modalidade sob enfoque, um tratamento diferenciado, exigindo, por essa razão, que as policiais conhecessem a área das relações de gênero. Sem isso é impossível conhecer a ambiguidade feminina. Todavia, muitos governos não implementaram a ideia original.

Com isso na busca por informações de dados na Delegacia da Mulher em Tocantinópolis, que seriam de grande valia para minha pesquisa, da qual não medi esforço em busca de identificar se as violências sofridas por muitas mulheres foram denunciadas formalmente. Contudo não foi possível obter estas informações por parte da referida delegacia, do qual limitou significativamente para a análise e resultados das denúncias e a compreensão do eu objeto de pesquisa. Por isto trago fala de mulheres que relatam como foi o atendimento na Delegacia da Mulher em Tocantinópolis.

Para as entrevistadas o acesso para o atendimento a Delegacia da mulher:

Na delegacia da mulher, o atendimento foi bom, mas, poderia ter sido melhor, como eu fui muitas vezes, as vezes fui atendida uma maravilha, outras vezes fui questionada, porque você vive com esse malandro? Respondi porque não tem escrito na testa esse não presta (Entrevistada, Manacá da Serra, 41 anos).

Sim já denunciei foi na delegacia da mulher, o atendimento foi horrível ficaram mangando de mim, a atendente disse que ela vai voltar de novo isso é fogo de palha, eu estava grávida de quatro meses ele deixou cicatriz na perna esquerda com ferro de solda e no pé foi no calçamento que arrancou o corrimão, fora o a da alma. Eu tinha medo dele hoje não tenho mais não (Entrevistada, Rosa do Deserto, 31 anos)

O acesso a delegacia das mulheres, para atendimento e acesso aos direitos previstos na Lei, nem sempre é possível atender ao que as mulheres demandam. Falta formação adequada para o atendimento e como ressalta a entrevistada, Rosa do Deserto, não foi bem atendida, causando frustração e falta de confiança na política pública de atendimento à mulher em situação de violência. Quando a mulher recorre à delegacia e é bem atendida à confiança na política assegura que esta será protegida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta jornada de pesquisa, mergulhei profundamente no meu objeto de estudo, explorando a realidade das mulheres em situação de violência doméstica no bairro Alto Bonito, em Tocantinópolis, no estado do Tocantins. Foi uma experiência intensa, marcada por relatos dolorosos e trocas de experiências significativas. Ao longo dessa investigação, ficou evidente que os tipos predominantes de violência enfrentados por essas mulheres são físicos e psicológicos, onde as emoções estão abaladas por um sentimento de culpa e solidão.

Neste contexto, observei que as mulheres residentes nessa comunidade estão inseridas em um ambiente onde o machismo exerce uma influência poderosa, perpetuando uma cultura de desigualdade de gênero. Muitas dessas mulheres se encontram em relacionamentos abusivos, onde são subjugadas e submetidas a uma vida marcada por conflitos, agressões e tristeza. Muitas vezes, a falta de apoio familiar torna o problema ainda maior transcendendo uma sensação de inutilidade as mantêm presas nesses relacionamentos, mesmo quando enfrentam situações de violência.

É alarmante perceber que, para alguns homens, as mulheres são tratadas como meros objetos, cujo valor é determinado pela conveniência e pelo controle exercido sobre elas. Essa visão desrespeitosa e dominadora resulta em um ambiente onde as vozes e os direitos das mulheres são sistematicamente ignorados, perpetuando um ciclo de violência e opressão.

Esta pesquisa nos faz pensar na realidade complexa e multifacetada da violência doméstica. Através de entrevistas, questionários e análise de dados secundários, pudemos identificar a amplitude do problema e aprofundar nossa compreensão das experiências individuais das mulheres afetadas. As narrativas compartilhadas conosco foram poderosas testemunhas das dificuldades enfrentadas por essas mulheres, pois para elas a lei Maria da Penha só tem validade no papel, pois na prática não tiveram o respaldo da força da lei, pois percebi que estas mulheres carregam frustrações das tentativas de busca por ajuda, e não tendo retorno e segurança elas permanece estacionadas nessa

situação.

É notório que a violência doméstica contra mulheres no bairro Alto Bonito, além de ser uma estática que entre os altos índices de violência no Brasil faz parte de uma realidade dolorosa, onde estas mulheres tem uma realidade permeada por agressões, e medo. Enfatizo que estas mulheres não têm apoio, e vivem isoladas em um mundo de dor. Além de que isto reflete no bom desenvolvimento da família, em ênfase maior aos filhos, que vivenciam está cultura agressiva, podendo ser copiado quando adultos, fazendo com que sejam pessoas que agem da mesma forma.

Com isto especificamente falando os instrumentos de estratégias que estas mulheres se apoiam, é de isolamento social, busca por ajuda na delegacia da mulher, onde tentam se apoiar na lei Maria da Penha, porém não sendo abraçadas elas retornam as sua realidade, e ficam estacionadas em uma vida regada por situações difíceis de um relacionamento receoso, onde estas mulheres buscam por ajuda para sair, por isso para que isto venha ocorrer de maneira consciente se faz necessário que haja mais políticas publicas conscientização destas mulheres que vivem em situação de risco, pois a situação que o companheiro sai totalmente fora do controle e não mede suas forças para lançar contra a mulher que é o posto dele, sendo do sexo frágil e assolada de problemas mentais, espirituais e físicos, onde estas mulheres apenas caminham em busca do fim de tudo isso.

É chegado o momento em que esta comunidade de modo geral deve procurar maneiras respeitadas para ter mais comprometimento com a igualdade de gênero, e busca pelo respeito dos direitos humanos, de modo geral as mulheres devem se sentirem seguras, com valor e apoio em seu desenvolvimento de história de vida, com uma jornada menos árdua, e dolorosa para que possam criar seus filhos em ambiente alegre e harmonioso.

Assim destaco que o meu objeto de pesquisa é na verdade um apelo por socorro, por ação humana e democrática, onde enfatiza a busca por respeito mútuo, e por governantes que pensam e tragam soluções para desenvolvimento de um segurança mais justa do cumprimento da lei em nosso país, pois somente com essas colaborações que podemos ter a esperança de um mundo melhor,

onde sonhamos com queda do índice de violência. Com isso poder transformar esta situação em um passado distante, do qual não venha se fazer presente para afetar as gerações atuais e futura, pois os pais (responsáveis) são um espelho para as gerações futuras da qual devem exercer um papel respeitoso e valoroso diante da família e da comunidade, transformando o bairro alto bonito, onde as mulheres possam se sentir livres desta realidade dolorosa que impacta profundamente a suas vidas e de seus familiares.

Toda via nossa capacidade busca por mudança deve ser fortalecida em conjunto com a nossa comunidade, promovendo mudas significativas para seguir rumo a uma vida melhor, pois é de grande valia que possamos aproveitar as lições da vida para não repetir os erros do passado, e tornando claro que estas mulheres não mais se sintam desamparadas, pois os desafios vêm mais não se devem deixar ser vencidas.

É chegada a hora de levantar a cabeça e seguir rumo a um ponto de partida para olhar-se para frente e se valorizar, se amar em primeiro lugar e saber que sua vida não depende só do outro, mas de suas atitudes, partindo de um pressuposto de que você mulher é por mais seja do sexo frágil é forte, que por mais que tenha pouco espaço é suficiente para suprir as suas necessidades e que você é valorosa, pois a sua ação gera uma reação, então reage, saia do anonimato, sejam vistas sejam lembradas, sejam fortes e corajosas, seja você mulher!

REFERÊNCIAS

Carneiro, S. (2003). Mulheres negras, violência e pobreza. In secretaria de políticas para as mulheres, Diálogo sobre violência doméstica e de gênero: construindo políticas para as mulheres (p. 11-17). Brasília, DF: Secretaria de Políticas para as Mulheres.

Almeida, (2014) A condição de ser mulher está na origem da violência, logo os feminicídios são crimes de ódio contra as mulheres e exibem o poder e domínio dos homens sobre as mesmas, estando presentes em todas as gerações e possuindo uma dinâmica multimodal” (p. 334).

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). Atlas da violência 2023. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>

Fórum Brasileiro de Segurança pública. Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil - 4ª edição – 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf> Acesso em 17/01/2023.

Goleman, D. (2003). Mentiras essenciais, verdades simples: a psicologia da auto-ilusão. Rio de Janeiro. Rocco.

LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Editora Cutrix, 2019.

Monteiro, C. F. S. e Sousa, I. E. O. (2007). Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. Psicologia e sociedade, 16(1), 26-31.

Moscovici, S. (2003). Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge moscovici.

Ribeiro, C. G. e Coutinho, M. L. L. (2011). Representações sociais de mulheres vítimas de violência doméstica na cidade de João Pessoa-PB. Psicologia e Saúde, 3(1), 52-59.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero. Patriarcado, Violência. 2ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

Soares, V. (2004). O feminismo e o machismo na percepção das mulheres brasileiras. In G. Venturi, Recamán, e S. Oliveira (Orgs.), A mulher brasileira nos espaços públicos e privado (pp. 161-182). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD Contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/busca.htm?searchword=tocantinopolis+TO> . Acesso em: 26 de janeiro de 2024.

Lei Maria da Penha, Brasil. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm Acesso em: 19 de janeiro de 20

